



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de entrega de títulos de cessão de uso de casas em vilas produtivas rurais do Programa de Reassentamento de Populações do Projeto São Francisco

Salgueiro-PE, 14 de dezembro de 2010

Bem, ô gente, eu não sei se vocês estão, mas eu estou com uma fome desgramada. Eu estou, estou aqui falando, a barriga vai e volta, porque a lombriga maior está comendo a menor, e eu não sei como trato disso aqui, agora. O Eduardo falou, falou, falou, falou, falou bonito, mas comer que é bom, nada.

Bem, meus queridos companheiros e queridas companheiras, eu ainda vou voltar aqui. Eu vou voltar no dia 28 a Recife, vou a Caetés inaugurar uma agência da Previdência Social, do INSS, depois tem coisas lá, com o Eduardo, para a gente inaugurar.

Mas ontem, Eduardo, eu, que tinha livrado a minha agenda no dia 29, para voltar para Brasília, eu assumi um compromisso de ir a Fortaleza. Porque, dentre as coisas que eu acho que é preciso fazer... É lançar a pedra fundamental, já tem 70% de sondagem da Petrobras feita no terreno e eu não vou perder a chance de lançar a pedra fundamental para deixar os nossos “coronéis” cearenses mais nervosos contra nós, e mais irritados.

Ontem, eu comecei o dia visitando Missão Velha, no Ceará, depois eu fui jantar no Crato e dormi em Juazeiro, ou seja, para encher o bucho eu fui ao Crato, para descansar eu procurei a proteção de Padre Cícero e fui dormir tranquilamente, para que ninguém viesse perturbar o meu sono.

Mas eu fui andar um pouco de trem, um pouco de trem, em uma ferrovia que existia aos pedaços, que na campanha de 1989, quando fizemos um comício no Crato, o doutor Arraes, voltando de volta comigo para Recife, me



disse: “Lula, se você ganhar as eleições, comece a refazer a Transnordestina”. Na verdade, Eduardo, o que nós estamos fazendo é uma ferrovia nova porque a ferrovia antiga era aquela “bitolinha meia-boca” que o trem não andava a mais de 15 [km] ou 20 [km] por hora. E nós estamos fazendo uma ferrovia nova e, em alguns trechos, nós vamos ter dois trilhos que é para utilizar uma parte dos trens antigos ainda.

Mas eu vou voltar aqui em 2012 porque em 2012 vai acontecer uma coisa estupenda. Eu sobrevoando de helicóptero ali agora, eu vi quando a gente passa a BR-116, a Transnordestina e o Canal do São Francisco. E eu fico imaginando quando estiver tudo funcionando. O trem... o trem passando, a água passando, o povo trabalhando, o Brasil crescendo, a nossa vida melhorando, e o sertão nunca mais voltará a ser motivo de estudos sociais, apenas para medir a fome e a miséria. O sertão vai fazer parte do Brasil desenvolvido do ponto de vista tecnológico, do ponto de vista científico. O sertão vai fazer parte do Brasil desenvolvido do ponto de vista da indústria, do ponto de vista da agricultura, do ponto de vista do fortalecimento da pequena e média propriedade deste país. O sertão vai virar desenvolvido do ponto de vista das universidades federais, das escolas técnicas e da melhoria da qualidade do ensino fundamental porque é isso que o progresso vai trazer.

Nós estamos fazendo uma obra aqui, companheiros, e toda a vez que você olhar este canal, cada vez que vocês olharem este canal, vocês irão lembrar que, em 1847, Dom Pedro tentou fazer este canal. Ele era imperador do Brasil e não deixaram ele fazer. E, quase 150 anos depois, nós estamos fazendo essa obra tão necessária a milhões e milhões de nordestinos. Quem era contra essa obra, eram pessoas que tinham água gelada na geladeira, eram pessoas que compravam até água importada, eram pessoas que não sabiam como é que carregava um pote d’água no cangote, uma lata d’água na cabeça, com uma rodilha. As pessoas não sabem como é que vive o sertanejo, às vezes andando sete, oito, nove, dez, 11 quilômetros para pegar um balde



d'água numa cacimba suja, e vai disputar aquela água com cavalo, com cabra, com vaca, metade é fezes, metade é água, e tem que colocar num pote para assentar para a gente tirar com canequinha para beber. Quem não sabe o que é isso é contra a transposição das águas do rio São Francisco, mas quem sabe o que é isso era favorável à transposição das águas do rio São Francisco. As pessoas não têm noção, quando a gente fala: "Deixar uma lata d'água assentar em um pote". Quem nasceu abrindo uma torneira ou uma geladeira não sabe o que passa o povo do interior deste país.

É por isso que nós estamos fazendo a transposição. E tivemos muitos problemas, tivemos problemas ambientais, tivemos problemas de empresas que quebraram, tivemos problemas com o Ministério Público, tivemos problemas com muita gente porque, no Brasil, muitas vezes, tem dez para fazer e cem para destruir. Mas nós vencemos a batalha e, se Deus quiser, em 2012, estarei nessas bandas, ajudando a companheira Dilma a inaugurar a transposição definitiva da água do rio São Francisco, para garantir a cada alma viva desta região o direito de beber água sem pedir licença, sem pedir favor, sem ser humilhado. Às vezes, quando o prefeito é bom, tem carro-pipa à vontade. Quando o prefeito não é bom é carro-pipa particular explorando aquilo que as pessoas não têm.

E nós vamos garantir, Eduardo, porque nós transformamos, nós desapropriamos, por interesse público, dois quilômetros de cada lado do canal. E nós vamos discutir quem é que vai utilizar essa terra. Uma coisa a gente não vai permitir mais: é que apenas os grandes latifundiários se apoderem da água, como já se apoderaram da água do rio São Francisco e de tantas outras águas neste país. O que nós queremos é que essa água possa favorecer os pequenos agricultores, as cooperativas, para que a gente, no século XXI, dê chance a quem não teve chance no século XX, que foi a maioria do povo pobre deste país.



Depois vem a Transnordestina, para transportar passageiros, para transportar carga, para transportar as riquezas produzidas em Pernambuco para o Ceará, as do Ceará para Pernambuco, e ainda pegando riquezas produzidas no Piauí e, quem sabem, logo, logo, pegando Alagoas, pegando Paraíba e pegando o Rio Grande do Norte.

E também, meus companheiros e companheiras, o desenvolvimento do Nordeste brasileiro. Eu, cada vez que venho para cá, eu fico pensando: oito anos que a gente não ouve falar em uma coisa chamada “frente de trabalho”. A frente de trabalho era a atividade... Cadê minha água? A frente de trabalho era a coisa mais inútil do mundo, porque pegava os coitadinhos pobres na seca, pagava R\$ 30,00 por mês, os coitadinhos tiravam pedra de um canto e colocavam no outro canto; aí depois, no ano seguinte, nova seca, pegava a pedra do canto que colocou e trazia para o canto em que ela estava. Nunca mais isso aconteceu. Você sabe, Eduardo, quantas pessoas estão trabalhando na Transnordestina hoje? Onze mil e setecentas pessoas estão trabalhando no trecho da Transnordestina.

O Eduardo é prova do que é o sucesso da indústria naval em Pernambuco; o Eduardo é prova do desenvolvimento do estado de Pernambuco. Mas você pode perguntar para o Cid, do Ceará, você pode perguntar para o Wellington, do Piauí, você pode perguntar para o governador da Paraíba, você pode perguntar para o governador do Sergipe, em todos os estados a situação está melhorando. E está melhorando. Porque nós não tiramos nada de ninguém, nós apenas demos ao povo do Nordeste aquilo que nós entendíamos que era de direito. Afinal de contas, nós, nordestinos, não nascemos para ser tratados como se fôssemos de segunda classe; nós queremos ser tratados como se fôssemos de primeira classe. Porque nós gostamos de coisa boa, nós queremos comer bem, nós queremos morar bem, nós queremos vestir bem e nós queremos ganhar bem.



Eu vi a alegria das pessoas que receberam as casinhas aqui – casinha uma ova! Isso é casinha de classe média em Recife: 90 m², como o terreno de 5 mil metros é chácara de rico em São Paulo! É chácara de rico! Em São Paulo, 5 mil metros, que é o quintal das pessoas que ganharam essas casas, e mais alguns vão ter cinco hectares, quatro hectares, três hectares, sete hectares, nove hectares, dos quais um ou dois hectares serão irrigados para essas pessoas aprenderem a produzir mais, a ganhar mais dinheiro e a melhorar a vida da sua família.

Por isso, meu querido companheiro Eduardo Campos, companheiros secretários, deputados, e companheiros... eu queria dizer para vocês que eu saio do governo com a consciência tranquila, alegre, feliz. Primeiro, por ter estabelecido uma relação extraordinária com o povo brasileiro. Não teve nenhum momento no meu mandato em que eu tive medo de conversar com qualquer cidadão brasileiro, independentemente de qualquer coisa. Segundo, pela relação que eu mantive com os governadores. Eu acho que nunca, na história do país, um presidente tratou os governadores com o respeito que eu tratei todos os governadores deste país. Não faltou solidariedade, não faltou companheirismo, não faltou dinheiro. Agora, começa a ter um certo ciúme dizendo que vem muita coisa para Pernambuco e que não vai para outro estado. Eu tenho alertado os companheiros: vem muita coisa para Pernambuco, não em função de que eu queira dar a Pernambuco mais do que eu quero dar a outro estado, vem muita coisa para Pernambuco em função da competência do governador de Pernambuco e da equipe que ele montou. Da mesma forma que vai muita coisa para a Bahia, que vai muita coisa para o Rio de Janeiro, que vai muita coisa para São Paulo. O Eduardo sabe quanto de dinheiro São Paulo recebeu. São Paulo recebeu, em quatro anos, mais dinheiro de mim do que o Mario Covas recebeu, em oito anos, do governo do FHC. Muito mais! E o Serra, eu sabia que ele seria o nosso adversário, mas não faltou o recurso que São Paulo precisava. É só ver quanto de dinheiro do PAC



tem em São Paulo. E eu estou feliz por isso porque tratei todo mundo bem. Agora, todo mundo sabe, que eu trato todo mundo em igualdade de condições, mas eu tenho o olhar mais carinhoso com as pessoas mais humildes. Ou seja, eu... eu... eu governo como se fosse uma mãe, ou seja, não tem nada mais socialista do que uma mãe, não tem nada mais humano do que uma mãe. Uma mãe pode ter dez filhos, ela pode ter dez filhos, ela pode ter um mais bonitinho e um mais feinho, mas uma mãe gosta de todos em igualdade de condições. Mas quando ela tem um que está com um probleminha qualquer, é naquele que ela vai fazer mais chamego, que ela vai cuidar mais, que ela vai fazer mais cafuné.

É por isso que eu digo que não é possível a gente governar este país se a gente não colocar o coração com a mesma intensidade que a gente coloca a nossa inteligência. É governar com os números, é governar com a sabedoria política, mas com a sabedoria do humanismo, com a sabedoria da paixão, com a sabedoria do coração, saber olhar na cara das pessoas e saber quem precisa.

Por isso, minhas queridas e queridos companheiros, eu quero dizer para vocês que não verei mais vocês até o ano que vem. Estejam certos de uma coisa, estejam certos de uma coisa: eu disputei eleições em [19]89, em [19]94, [19]98 e perdi, e cada vez que eu perdia, eu não me escondia, eu voltava para a rua. Depois, eu ganhei 2002, ganhei 2006 e, agora, elegemos a companheira Dilma, que pode fazer mais e pode fazer melhor do que eu fiz, neste país.

Ora, se quando eu perdia, eu não me escondia, por que eu vou me esconder agora, que eu ganhei? Então, podem ficar certos que eu vou continuar andando por este país, eu vou continuar viajando, vou continuar correndo este país, levantando problemas, acumulando conhecimento sobre o Brasil, porque um dos defeitos deste país é que a elite que governou este país conhecia teoricamente este país mas não conhecia, na prática, a alma desse povo. É pela alma, é pela canção, é pela cultura, é pelo jeito de sorrir, de falar,



de chorar, que a gente constrói uma nação como nós construímos o Brasil.

E é por isso, companheiros e companheiras, que eu quero dizer para vocês: até outro dia, porque a luta continua e nós ainda temos muita coisa para conquistar neste país.

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211 A)